

# OS GRANDES PROJETOS ECONÔMICOS NO BRASIL E NA AMAZÔNIA COMO MOTIVADORES DO SURGIMENTO DOS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS E A CONTRIBUIÇÃO DA ANALÉTICA DE DUSSEL

*THE MAJOR ECONOMIC PROJECTS  
FROM BRAZIL AND AMAZON AS  
MOTIVATORS OF THE EMERGENCE  
BY NEW SOCIAL MOVEMENTS AND  
THE CONTRIBUTION OF DUSSEL'S  
ANALÉTICA*

Luciano Sá Ribeiro 1  
Pedro Rapozo 2

**Resumo:** Nosso objetivo é refletir sobre os efeitos das grandes projetos econômicos e como eles motivam o surgimento dos novos movimentos sociais. Nossa reflexão se justifica no fato que os "grandes projetos econômicos - GPE", revelam que os projetos desenvolvidos no âmbito nacional e pelas grandes multinacionais possuem uma única ótica, o lucro. Os novos movimentos sociais surgem dentro de um espaço que no contexto atual é cada vez mais complexo que é a relação do homem com a natureza. Isso se dá por conta da exploração das reservas naturais movida pelos interesses econômicos, não impontando as consequências desde processo. A metodologia para compreender este processo se dará a partir dos instrumentos; hermenêuticos e dialéticos, aplicados ao material teórico bibliográfico para compreensão da relação entre os GPE e os movimentos sociais.

**Palavras-chave:** Sociedade. Movimentos Sociais. Capitalismo. Analética.

**Abstract:** In this article our goal is to reflect on the effects of major economic projects and how they induce the emergence of new social movements. Our reflection is justified by the fact that the "major economic projects - MEP", reveals that the projects developed by national level and by the big multinationals have one single perspective, the profit. The new social movements appear within a space that in the current context is increasingly complex, which is the relation between man and nature. That is due to the exploration of natural reserves moved by the economic interests, without pointing the consequences of this process. The methodology used to understand this process will be based on following instruments: hermeneutics and dialectics, applied to theoretical bibliographic material to understand the relation between MEP and social movements.

**Keywords:** Society. Social Movements. Capitalism. Analética.

---

Mestrando em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2742442946787905>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0251-9418>. E-mail: [lucianosari06@yahoo.com.br](mailto:lucianosari06@yahoo.com.br) | 1

Doutor em Sociologia. Professor da Universidade do Estado do Amazonas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2679908172389276>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3843-5811>. E-mail: [phrapozo@uea.edu.br](mailto:phrapozo@uea.edu.br) | 2

## Introdução

Os projetos desenvolvidos no âmbito nacional pelas políticas de desenvolvimento e pelas grandes multinacionais possuem uma única ótica que envolve diretamente o interesse pelo lucro, logo, o lucro é, dentro do objetivo de mercado o que se espera, contudo, este lucro gera uma vasta gama de complexas respostas e efeitos devastadores na vida das pessoas que são envolvidas por estes grandes projetos.

Os interesses destes grandes projetos, mesmo que argumentem que as ações são para o desenvolvimento econômico da região e do país existem e revelam estratégias a partir de discursos desenvolvimentistas. Em muitas destas iniciativas, o interesse principal parte das grandes organizações econômicas, pois são favorecidas lucrativamente, e em grande maioria não existem a real preocupação com os impactos destes projetos, uma vez que o “lucro compensa qualquer ação”.

Neste contexto, temos muitos exemplos: a construção da Hidrelétrica de Balbina no Estado do Amazonas que se tornou uma tragédia ecológica, uma vez que a área de floresta inundada foi gigantesca. A Mineração taboca que a partir da exploração de minerais tem provocados impactos na região. A hidrelétrica de belo monte pelo Consórcio Belo monte, a terceira maior hidrelétrica do mundo, foi construída da maneira estratégica dados interesses do Governo; em total desrespeito as pessoas que viviam neste espaço. O gasoduto-Coari-Manaus que teve um grande destaque no Amazonas; durante um curto espaço de tempo as cidades e as comunidades que ficavam nas áreas dos municípios por onde passaram as obras do gasoduto sofreram impactos estruturais e sociais.

Nos últimos anos, presenciamos os desastres<sup>1</sup> que envolveram o rompimento das barragens de contenção de rejeito de minério afetando os moradores que estavam nestas áreas. Os mais conhecidos da atualidade são casos de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), ambos no estado de Minas Gerais.

Os novos movimentos sociais surgem dentro de um espaço atual cada vez mais complexo onde a relação do homem com a natureza se dá por conta do grande objetivo do mercado que objetiva o lucro, não impontando as consequências desde processo. Na Amazônia, no Brasil, na América Latina os movimentos sociais formam redes, criam demandas, criam identidade, e articulam manifestações culturais e políticas sociais.

Pensar o outro dentro destas características e organizações é a maior relevância e contribuição do pensamento de *Enrique D. Dussel* através da categoria “analética”, pois se os movimentos sociais de fato forem representantes daqueles sujeitos que estão à margem da sociedade e dentro dos movimentos os mesmos são livres e vistos como autenticamente outro, temos a pura manifestação do sujeito.

## O impacto dos grandes projetos econômicos

Os “grandes projetos econômicos - GPE”, revelam um fato que se faz deveras assustador quando se refere a povos e comunidades tradicionais localizadas nestes espaços; tais como agricultores, pescadores e os povos nativos. Os projetos desenvolvidos no âmbito nacional pelas políticas de desenvolvimento e pelas grandes multinacionais possuem uma única ótica que envolve diretamente o interesse pelo lucro, logo, o lucro é, dentro do objetivo de mercado o que se espera, contudo, este lucro gera uma vasta gama de complexas respostas e efeitos devastadores na vida das pessoas que são envolvidas por estes grandes projetos. As questões que são acentuadas estão diretamente centradas na realidade que destaca o modo de produção capitalista como o real motivador das principais mudanças nas políticas econômicas.

O modelo capitalista está centrado no mecanismo da exploração de recursos nos mais variados âmbitos, pois a própria ideologia que representa esse contexto não se submete a qualquer modo de padrão ético. Neste sentido não nos referimos a ética como um conjunto

---

<sup>1</sup> A referência quanto ao entendimento do desastre se dá sob uma perspectiva que considera os aspectos sociotécnicos e políticos ocasionados pela negligência de empreendimentos econômicos de alto risco à qualidade de vida humana em sociedade (VALENCIO, 2014). Desta forma, excluimos a interpretação naturalizadora de que tais fenômenos se dão por consequências ambientalmente justificadas sem qualquer interferência humana.

de proibidos e permitidos, pois este fato não confunde com o que é ética. “Qualquer autêntica preocupação com a ética, no Brasil de hoje, terá, pois que lidar com bem mais do que a lista do certo e errado” (GHEDIN, 2003, p. 308), pois se faz necessário pensar na ética como posturas e cuidados para com a vida e o meio ambiente.

Podemos perguntar hoje, o que de fato existe; democracias ou capitalismo democráticos? Não se pode ignorar o conteúdo ético dentro da democracia, contudo, este fato não é levado em conta, e outro ponto é que as democracias possuem um processo histórico real que parece ser negado pelos capitalismo democráticos, ou seja, para o capitalismo democrático; este tipo de processo desenvolvido pelas grandes empresas capitalistas de sucesso é justo e autêntico, isto é, creditado pelo lucro como a grande meta.

O processo de grandes capitais econômicos, além de exercerem pressão e articular as ações econômicas e do homem ainda são excludentes. A democracia não pode ser reduzida a ideias que se destacam por meio do poder das grandes empresas; como se fosse um círculo que somente os mais poderosos economicamente possuem voz. O que de fato atua por trás de todos estes processos é o capitalismo, que está presente neste processo como pano de fundo, ditando cenários, assegurando favorecimentos e proporcionando injustiça e depredações.

A democracia como condição da sociedade civil. Isto supõe uma formação social caracterizada por um nível relativamente elevado, ainda que historicamente variável, de bem-estar material e de igualdade econômica, social e jurídica, o que permite o pleno desenvolvimento das capacidades e inclinações individuais, assim como da infinita pluralidade de expressões da vida social [...] a democracia também supõe o efetivo aproveitamento da liberdade pela cidadania [...] uma democracia que não garante o pleno gozo dos direitos que diz consagrar no plano jurídico converte-se [...], em uma farsa (BORON, 2001, p. 277-278).

Surge dentro deste contexto uma pergunta; por que os GPES exploram determinados lugares desconsiderando os sujeitos presentes nestes espaços? Podemos responder essa pergunta por meio da própria ética, pois ela “nega toda possibilidade de exploração do ser humano pelo humano” (Idem, 2003, p. 313), com isso queremos dizer que a lógica dos projetos econômicos não possui preocupações morais, éticas em sua atuação. Para Leff (2006), a degradação ambiental e o avanço da pobreza tornaram-se os sinais mais claros da crise social do nosso tempo. Uma crise que cada vez mais acentua a desigualdade e as injustiças sociais.

Os interesses destes grandes projetos, mesmo que afirmem que as ações são para o desenvolvimento econômico da região e do país, existem interesses ocultos neste discurso, ou seja, em muitas destas iniciativas o maior interesse é lucro das grandes organizações econômicas que formam estes projetos. Isso mostra-se como um processo de subalternização dos povos que vivem nestes lugares.

“A subalternidade descreve as camadas mais baixas da sociedade constituídas, pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, da possibilidade de se tornarem membros pelos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12). Estes sujeitos passam para uma condição de exploração se permanecem nestes espaços, tendo sua organização social completamente alterada, bem como suas vidas.

## A hidrelétrica de Balbina

Na década de setenta, Manaus tinha sua base energética mantida por meio do combustível fóssil (“petróleo”, carvão mineral e gás natural). Com o alto custo do petróleo, o governo decidiu construir no meio da floresta amazônica uma hidrelétrica<sup>2</sup> para substituir as termoeletricas<sup>3</sup>. A área escolhida teve como destino o rio Uatumã, localizado na região nordeste do

<sup>2</sup> A energia liberada pela queda de água represada move uma turbina que aciona um gerador elétrico.

<sup>3</sup> Central cujo funcionamento ocorre a partir da geração de calor resultante da queima de combustíveis sólidos, líquidos ou gasosos. Os principais combustíveis utilizados nas usinas termoeletricas são o carvão mineral, a nafta, o petróleo, o gás natural e, em alguns casos, a biomassa.

Estado.

Desde o começo inúmeros estudiosos questionavam a aplicação deste projeto por seu grande potencial de impacto na área e na região (FEARNSIDE, 1989). Todavia, os questionamentos foram ignorados pelo governo da época (BALBINA, *a hidrelétrica que não deu certo*, 1999).

A construção de uma hidrelétrica leva um longo tempo e altos investimentos. Em razão da inundação de grandes áreas realiza-se a remoção da população residente para outra localidade. Balbina tornou-se também uma tragédia ecológica, uma vez que a área de floresta inundada foi gigantesca. Dentro do espaço de represa da barragem se vê um cemitério de árvores mortas que se estende ao limite dos olhos, porque a área de inundação está em uma área plana e isso fez que a área alagada fosse demasiada. Muitas espécies de animais da área foram afetadas.

A população que ali vivia também sofreu pesado impacto. A população indígena que mantinha uma relação de apropriação extrativista da floresta perdeu seu lugar de caça e os peixes também sumiram do rio. A grande quantidade de matéria (árvores) em decomposição deixou a água ácida modificando completamente o bioma aquático da região. “Balbina se tornou uma tragédia social” (BALBINA, *a hidrelétrica que não deu certo*, 1999). Balbina é um dos grandes projetos que foi pensado sem se considerar os impactos que causaria a toda região. As expectativas de produção da hidrelétrica não foram correspondidas, ou seja, mais uma vez as relações e o valor que o espaço possuía para os moradores do lugar, a ligação com o espaço, essa relação topofílica não é levada em consideração. Segundo Tuan (1974), topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito vivido e concreto como experiência pessoal. Estes projetos não são capazes de ver os segmentos invisíveis (as relações sociais, vivências, os espaços e sua relação com a vida) e não convém ver.

## Mineração Taboca

Fundada em 1969 e atua na mineração e metalurgia de estanho e minerais industriais. Nos anos 80, com a descoberta da mina de Pitinga (AM), localizada a 300 km de Manaus se consolidou no mercado como empresa do setor mineral. Em 2008, o tradicional grupo minerador peruano Minsur<sup>4</sup>, pertencente ao grupo Breca (conglomerado empresarial originário do Peru com mais de 130 anos de existência e operações no Peru e em outros países da América Latina), adquire o controle acionário da Mineração Taboca.

Sobre a exploração de pitinga e seu lucro real da exploração escreveu o professor José Aldemir de Oliveira, geógrafo, em seu livro “*idades na selva*” que quanto ao valor arrecadado está muito aquém do devido, em decorrência da sonegação e da inércia do Estado que não criou mecanismos de fiscalização. A exploração na região é algo que prejudica o modo de vida de muitos povos que fazem parte dela. O local é cercado por duas comunidades indígenas e uma reserva biológica.

A Mineração Taboca “ao longo de quase três décadas de intensa atividade extrativista mineral, produziu um enorme prejuízo ambiental que não pode ser ignorado” (SILVA, 2009, p. 34). Para o povo indígena Waimiri-Atroari

Além da usurpação de mais de 500 mil hectares de suas terras pela Mineração Taboca, subsidiária do Grupo Parapanema [...] sofreram uma série de arbitrariedades por parte do Estado nacional e por empresas privadas. Segundo Heck, (et al, 2005), eles foram vítimas de etnocídio, com uso de armamento pesado pelo Exército brasileiro (1967-1968) e introdução de epidemias letais, que, em 14 anos, reduziu a menos de 20% a população de três mil pessoas existente em 1968. Também,

4 Uma empresa de mineração peruana, pertencente ao grupo de negócios Breca. Exploram estanho na mina de San Rafael e ouro em Pucamarca. A tua no mercado local e global. Em 2008, adquiriram no Brasil, por meio de sua subsidiária mineradora, Mineração Taboca, localizada a 300 km da cidade de Manaus, que possui a mais importante reserva de estanho, além da Fundição de Pirapora, nos arredores de São Paulo.

tiveram parte significativa do território inundado para a formação do reservatório da hidrelétrica de Balbina (1986-1987) (Ibid., p. 35).

No dia 26 de abril de 2019, foi assinado um termo de ajustamento de conduta da mineração taboca entre o Ministério Público Federal (MPF) e a Polícia Federal no Amazonas como forma de compensação pelos prejuízos causados ao meio ambiente que a empresa provoca durante décadas no Amazonas.

Segundo veículos de comunicação jornalísticos do Amazonas em uma matéria de 28 de janeiro de 2019<sup>5</sup> o relatório do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) de 2014 aponta nove barragens de alto risco na mina de Pitinga, no município de Presidente Figueiredo e mais interessante é que quanto a isso há negligência pelo órgão de fiscalização do Estado do Amazonas. A mesma matéria afirma que após solicitar dados do Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM) a respeito das barragens de rejeitos, não houve retorno. Depois por meio de uma consulta realizada ao Sistema Nacional de Informações sobre Segurança de Barragens (SNISB) o IPAAM não tinha enviado o relatório de segurança das barragens.

O discurso de que “a Amazônia precisa ser preservada, mas não se pode deixar as riquezas em seu solo” é um argumento falso que se simula a veracidade – falácia – que se subjaz a ideia de desenvolvimento. Precisamos pensar responsabilmente e eticamente a respeito da preservação desta terra, pátria de tantos povos e nações indígenas e não somente.

Acompanhando a atual política do governo brasileiro que considera especial as políticas de países como Estados Unidos, precisamos recordar que este não é modelo de preservação dos seus territórios e das nações indígenas, ao contrário, através da exploração das terras nativas e extração das reservas naturais, provocaram a dizimação de muitas das nações originárias da América do Norte; os que não foram exterminados passaram a viver em pequenos sítios, confinados a pequenos espaços de terra expulsos seus espaços historicamente constituídos.

O tema mineração em toda a região amazônica se transformou em um delito que prejudica uma parte do nosso país, pois a ótica a exploração que vemos não é diferente da praticada pelas nações que exploram esta região. O neocolonialismo é praticado não só pelas grandes empresas, mas simultaneamente pelo governo brasileiro.

De um modo geral, os economistas não reconhecem que a economia é meramente um dos aspectos de todo um contexto ecológico e social: um sistema vivo composto de seres humanos em contínua interação e com seus recursos naturais, a maioria dos quais, por seu turno, constituída de organismos vivos. O erro básico das ciências sociais consiste em dividir essa textura em fragmentos supostamente independentes, dedicando-se a seu estudo em departamentos universitários separados (CAPRA, 1982, p. 180).

A entrega dos minerais à exploração particular transformou esta atividade em uma ação criminosa contra as populações amazônicas. Enfim, o governo se omite diante destes danos e como hoje estamos vendo, realiza investidas para a liberação da extração em terras indígenas.

## **Consórcio Belo Monte**

A Hidrelétrica de Belo Monte, empreendimento realizado pelo Consórcio de Belo Monte, é a terceira maior hidrelétrica do mundo, em seu processo de implementação até a atual operacionalidade desrespeitou territórios tradicionais ocupados por povos indígenas e demais comunidades agroextrativistas sob o interesse estratégico do empresariado apoiador do governo brasileiro naquele momento. Nesta perspectiva se percebe que em muitos destes projetos

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/sem-garantia-de-seguranca-barragens-do-amazonas-tem-dados-desatualizados>.

pensados para Amazônia parte da visão argumentativa é sustentado pela ideia da exploração e do desenvolvimento econômico a qualquer preço em curto e médio prazo, desconsiderando sobretudo os aspectos ambientais e sociodemográficos regionais nestes territórios.

Temos ainda muito presente neste contexto a força do pensamento colonialista do Estado brasileiros para com a Amazônia impulsionados pela extração do minério, do gás, do petróleo, e demais recursos extrativistas, alterando ciclos naturais que impossibilitam a recuperação de áreas degradadas num movimento desproporcional ao impacto de sua exploração. Por outro lado, o lucro deste processo exploratório de reapropriação social da natureza pelo capitalismo para além de não se converter em desenvolvimento econômico local, alimenta a reprodução dos ciclos de exploração patrimonialistas e a corrupção política regional.

As evidências deste processo se revelam nos índices elevados de concentração de renda e desigualdade, sem qualquer manifestação política governamental para com a promoção da equidade, uma vez que esta “ é a condição para dismantelar os poderes dominantes que atuam na autonomia dos povos, e para permitir a apropriação [...] mediada pelos valores culturais e pelos interesses sociais de cada comunidade” (LEFF, 2006, p. 411). Em muitos casos a exploração é uma afronta ao querer das comunidades nativas, ribeirinhas, agricultores, pois não são consultados muitas vezes e não são feitos os estudos dos impactos provocados pelos projetos e quando são feitos não são considerados.

A cidade de Altamira sofreu com a pressão demográfica resultante do inchaço populacional exorbitante dentro de um ano. A cidade não foi preparada para receber esse acréscimo demográfico tão elevado, algo em torno de trinta mil novos moradores dentro de um ano. Com isso, o custo de vida subiu consideravelmente, coisas básicas do consumo diário passaram a custar o dobro ou o triplo, logo, isso se reflete naqueles com menor poder aquisitivo, pois o poder econômico se centralizar nas mãos de alguns poucos, ou seja, o dinheiro dentro da cidade não circula igualmente acontece uma exclusão pelo contexto econômico, a “subalternidade”.

O Canal Futura com a Fundação Carlos Chagas no episódio “os impactos dos grandes projetos<sup>6</sup>” da série especial do sala de notícias produção de Daltro Paiva e Simone Joselle nos mostra que são muitos os impactos, um dos que se sobressai é no campo da educação, pois chegou o momento que o número de estudantes triplicou e se tornou um desafio proporcionar educação de qualidade a estas crianças e até mesmo professores deixaram a sala de aula para trabalhar no empreendimento.. As escolas não tinham espaço para comportar os novos alunos e tudo caminha na linha do improviso; construção de estruturas emergências que em si não oferecem qualidade e condições para que se tenha qualidade na educação (só depois começaram a construção de uma escola com melhor estruturada), qualidade na saúde, qualidade na condição de vida, são pontos que são interligados e fundamentais e que são alterados e somente em segundo plano é que são vistos, ou seja, quando os efeitos e danos já são visíveis.

## **Gasoduto Urucu-Coari-Manaus**

A realidade econômica dos municípios do interior do Amazonas é fragilizada, uma vez que o capital e as empresas de grande porte estão localizadas na capital Manaus. O projeto econômico da Zona franca iniciado nos anos sessenta não conseguiu “desenvolver” toda a região da maneira idealizada, ou seja, as cidades não receberam os benefícios deste projeto. Por este motivo, por conta da falta de oportunidade de emprego, de renda e outros elementos como educação (a educação de melhor qualidade idealizada na capital e a educação de nível superior) e saúde (atendimentos de maior complexidade que infelizmente muitos dos municípios ainda não possuem) gerou elevada concentração populacional na capital do Estado Amazonas.

Uma das alternativas regionais das últimas décadas foi o gasoduto-Coari-Manaus que se tornou um empreendimento de proporções economicamente significativas para o Estado durante um curto espaço de tempo, na medida em que comunidades situadas ao longo da área do empreendimento entre os municípios envolvidos com as obras de construção do gasoduto

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HIXCYknUExE>.

sofreram impactos estruturais, sociais e ambientais<sup>7</sup>

O objetivo do projeto era o desenvolvimento da região, mudanças na política social com o incremento de recursos que possibilitariam oferta de emprego e renda, melhorias na infraestrutura das cidades. Para a execução do projeto calcula-se que foi investido 4 bilhões de reais, financiado pelo banco nacional de desenvolvimento – BNDS. Porém, os resultados concretos gerados até este momento ficaram restrito ao período de execução do projeto, entre os anos de 2005 a 2008.

Considerando uma analogia com outros grandes projetos desenvolvidos na Amazônia, pode-se afirmar que a cidade de Coari sofreu graves consequências sociais resultantes do projeto de exploração de petróleo e gás natural desde o início do projeto Urucu.

“A cidade de Coari cresceu de forma incontrolada. Na esperança de encontrar trabalho no Projeto, milhares de pessoas, em sua maioria homens, mudaram-se para Coari. A cidade não estava preparada para um tal crescimento desordenado” (GAWORA, 1998, p. 10). O valor da moradia subiu, a alimentação se tornou mais cara, o índice de violência cresceu enormemente, bem como a prostituição e o índice de gravidez precoce<sup>8</sup> e o “risco de disseminação de doenças sexualmente transmissíveis devido a desagregação familiar, devido a proximidade de canteiros de obras junto às comunidades rurais” (CRUZ, 2008, p. 97)

Foram previstas pela Petrobrás em Audiência Pública para a construção do gasoduto Urucu-Coari; Possibilidade de desarticulação das relações sociais e das culturas das populações locais, com reflexo nos níveis de emprego e, em consequência, nos de violência, prostituição e conflitos sociais, mas mesmo assim o projeto seguiu seu andamento

## Os afetados por barragens: vítimas dos grandes projetos econômicos capitalistas

Nos últimos anos, temos presenciado os desastres que envolveram o rompimento das barragens de contenção de rejeito de minério e os moradores que estavam nas áreas afetadas. Os mais conhecidos da atualidade são casos de Mariana e Brumadinho, ambos no estado de Minas Gerais.

As barragens de rejeito de mineração começaram a ser construídas a partir da década de 1930 com o objetivo de evitar que os rejeitos oriundos da mineração de minério fossem lançados diretamente nos cursos de água (CBDB, 2011). A atividade de mineração inclui a exploração de ferro, alumínio, berilo, crisoberilo, mica e feldspato. Além disso, há atividades de mineração de ouro em pequena escala, chamadas “garimpos”. Essas atividades usam Hg para melhorar a eficiência de extração de ouro. O amálgama Au-Hg pode ser facilmente separado dos outros componentes minerais do sedimento, após o qual é aquecido para liberar Hg e obter o ouro (GUIMARÃES, 2018, p.20).

As atividades da mineração nestes locais foram causadoras de grandes impactos socioambientais decorrentes da ineficiente fiscalização e monitoramento dos riscos ambientais potencialmente reconhecidos. O processo de extração e mineração causam inúmeros desequilíbrios nos ecossistemas de onde decorrem tais atividades, sejam elas legais como o caso apresentado, ou aquelas provenientes de atividades ilegais como os garimpos clandestinos liberadores de matérias altamente danosas a saúde das populações e do meio ambiente. “E, ao longo da história, os acidentes com ruptura de barragens de rejeito não são raros e, em alguns casos, são causados por problemas de gestão de segurança” (Ibid., 2018, p.20). Existem

<sup>7</sup> Segundo Agostinho (2005), impacto ambiental é toda alteração no meio ambiente provocada exclusivamente pela conduta ou atividade humana, atingindo direta ou indiretamente a saúde, a segurança e o bem-estar da população, atividades socioeconômicas, a biota, as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente ou a qualidade dos recursos ambientais é considerada impacto ambiental

<sup>8</sup> Os dados foram obtidos a partir de pesquisa participante na região no período em que morei na cidade.

milhares de barragens pelo mundo com esta finalidade, ainda que possamos considerar que tais acontecimentos não se tratem de acidentes imprevisíveis, e sim de impactos ambientais oriundos da falha de segurança humana.

O rompimento da barragem de Fundação, dia 5 de novembro de 2015 na unidade industrial de Germano, entre os distritos de Mariana em Ouro Preto (cerca de 100 km de Belo Horizonte), provocou uma onda de lama que devastou distritos próximos e provocando vítimas. A barragem que se rompeu pertencia a Samarco. Outro desastre mais recente foi o desastre de Brumadinho um dos maiores desastres com rejeitos de mineração no Brasil onde a barragem contendo resíduos químicos da mineradora Vale se rompeu fazendo um grande número de vítimas no dia 25 de janeiro de 2019.

A presença destas empresas nestes espaços gera grandes mudanças na realidade do lugar. Após o desastre que não foi ambiental “Muitos impactos imediatos foram apontados no estudo feito pelo IBAMA (IBAMA, 2015): morte e desaparecimento de pessoas em meio a trabalhadores subcontratados da Samarco e moradores de Bento Rodrigues; desalojamento de populações (GUIMARÃES, 2018, p.27). A vida em seu sentido de conexão com o espaço foi completamente alterada.

Na região de Minas Gerais existem inúmeras barragens com a finalidade de contenção de resíduos oriundos da exploração de minérios. Muitas das cidades que estão próximas a estas barragens vivem em estado de tensão resultantes do medo de novos desastres, contudo o que está em questão é que no jogo econômico do capitalismo não se considera a preocupação com a vida e a forma como ela se altera diante da ação destes projetos exploratórios, as alterações se espalham para além do contexto ambiental, adentrando o campo social.

Desastres como o provocado pela Barragem da Vale em Brumadinho afetaram diretamente as populações mais vulneráveis. Muitas delas dependiam dos rios que foram completamente destruídos; peixes mortos, água imprópria para o consumo e outros danos. Os desastres possuem efeito imediato e direto e outros indireto, que se prolongam por décadas.

Neste contexto, bem antes destes trágicos desastres, na década de 70, surge o Movimento dos Atingidos e Atingidas por Barragens (MAB), que denunciavam que o

Padrão vigente de implantação de barragens tem propiciado de maneira recorrente graves violações de direitos humanos, cujas consequências acabam por acentuar as já graves desigualdades sociais, traduzindo-se em situações de miséria e desestruturação social, familiar e individual (RELATÓRIO DA COMISSÃO ESPECIAL DO CONSELHO DE DEFESA DOS DIREITOS DA PESSOA HUMANA, 2010).

Há uma grande gama de violações de direitos, dentre eles aqueles os que envolve o direito a educação de qualidade, direito a vida com qualidade, como já foi apresentado anteriormente. O espaço onde as pessoas moravam passam a ficar restrito e o direitos de ir e vir é limitado. Direito às práticas e aos modos de vida tradicionais, o acesso e preservação de bens; culturais, materiais e imateriais, direito dos povos indígenas, quilombolas e tradicionais são negados ou alterados. Estes aspectos nos levam à uma reflexão sobre as dinâmicas de mobilização políticas resultantes destes fenômenos e como, na medida em que se compreende seus efeitos e o avanço do modo de produção capitalista marcado pela destruição da vida em seu sentido mais pleno, diversos agentes e pautas serão amplamente construídos passando a ocupar lugar de destaque e protagonismo dando voz e visibilidade a grupos diretamente afetados.

## Os novos movimentos sociais

Para Leff (2006), em face da reapropriação social da natureza os novos movimentos sociais não só avançam em defesa dos direitos tradicionais, em oposição a um regime de exclusão e marginalização, mas em uma luta pela sobrevivência. Estes novos movimentos são caracterizados por suas novas demandas por participação social e surgem dentro de um contexto em que a relação do homem com a natureza é cada vez mais complexa. Isso se dá por conta do grande objetivo do mercado que é o lucro, não impontando as consequências desde processo.



Hoje, como parte da política da alta lucratividade, a terra só tem valor se dela for possível tirar algo.

Os movimentos ambientais fazem parte destes novos movimentos

Em oposição a muitos dos novos movimentos políticos que surgem em torno de demandas morais e sociais, individuais e atribuíveis a grupos definidos da população (religiosa, juvenil, estudante, gênero), os movimentos ambientais em países subdesenvolvidos estão diretamente associados com as condições de produção e satisfação das necessidades básicas da população e se caracterizam pela sua diversidade cultural e política. (LEFF, 2006, p. 399, tradução nossa)<sup>9</sup>

Segundo Leff (2006), os movimentos ambientais são guiados por um ou mais objetivos, que são norteadores da ação. Estes movimentos, como dos Movimento dos Atingidos e Atingidas por Barragens lutam por

a) Maior participação em assuntos políticos e econômicos e na gestão de recursos ambientais. b) Sua inserção nos processos de democratização do poder político e descentralização econômica. c) A defesa de seus territórios, seus recursos e seu meio ambiente, além das formas tradicionais de luta por terra, emprego e salários. d) A construção de novos modos de produção, estilos de vida e padrões de consumo à parte dos modelos capitalistas, urbanos e globais, transnacionais e estrangeiros. e) A busca por novas formas de organização política, diferentes dos sistemas corporativos e institucionais de poder. f) A organização em torno de valores qualitativos (qualidade de vida), além dos benefícios derivados da oferta de mercado e do estado de bem-estar. g) A crítica da racionalidade econômica baseada na lógica do mercado, a maximização do lucro e da eficiência tecnológica, e os aparatos de controle econômico e coerção política e ideológica do Estado (Ibid., p. 399-400, tradução nossa).<sup>10</sup>

Algo que precisa ser acentuado é que no contexto excludente em que muitos desses movimentos estão inseridos, porque na maioria das vezes estes grupos são tirados de seus espaços sem serem considerados parte dele e detentores de direitos, ou seja, lhes é negada a participação ativa nas decisões políticas e econômicas que envolvem seu mundo, seu espaço.

9 “En oposición a muchos de los nuevos movimientos políticos que surgen en torno a demandas morales y sociales, individuales y asignables a grupos definidos de la población (religiosos, juveniles, estudiantiles, de género), los movimientos ambientalistas en los países subdesarrollados están directamente asociados con las condiciones

10 de producción y de satisfacción de las necesidades básicas de la población y están caracterizados por su diversidad cultural y política”.

“a] Una mayor participación en los asuntos políticos y económicos y en la gestión de los recursos ambientales. b] Su inserción en los procesos de democratización del poder político y la descentralización económica. c] La defensa de sus territorios, sus recursos y su ambiente, más allá de las formas tradicionales de lucha por la tierra, el empleo y del salario. d] La construcción de nuevos modos de producción, estilos de vida y patrones de consumo apartados de los modelos capitalistas y urbanos globales, transnacionales y extranjeros. e] La búsqueda de nuevas formas de organización política, diferentes de los sistemas corporativos e institucionales de poder. f] La organización en torno a valores cualitativos (calidad de vida), más allá de los beneficios derivados de la oferta del mercado y del estado benefactor. g] La crítica a la racionalidad económica fundada en la lógica del mercado, la maximización de la ganancia y la eficiencia tecnológica, y a los aparatos de control económico y coerción política e ideológica del estado”.

Em muitas situações são considerados não preparados para administrarem os recursos naturais de suas áreas. Estes novos movimentos desejam participar das esferas que constroem políticas que os envolve, esperam também ter poder para organizar e manifestar seus interesses e visão de mundo, fazendo que diminua a descentralização econômica que os marginaliza.

Os movimentos sociais são o resultado de contradições que se tornaram globalizadas. Segundo Alain Touraine (1999), para serem verdadeiros atores coletivos eles precisam de certa inscrição na história, uma visão da totalidade do campo dentro do qual estão inscritos, uma definição clara do adversário e, finalmente, uma organização. Eles são mais do que uma simples revolta (HOUTART, 2006, p. 438, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Pois, existe claramente uma consistência na base destes movimentos, não surgiram por acaso.

Categorias que ficaram por duas décadas congeladas, por pertencerem ao corpo teórico funcionalista - tais como raça, cor, nacionalidade, língua, vizinhança etc., que eram utilizadas como "atributos básicos explicativos da ação dos indivíduos e grupos" -, foram retomadas de forma totalmente nova, em esquemas que privilegiam a heterogeneidade socioeconômica em detrimento da homogeneidade econômica dada pela classe. Os antigos estudos sobre lideranças e organizações foram resgatadas, ganhando destaque no NMS. [...] Mas não foi só a teoria da ação que forneceu substância teórica básica ao novo paradigma. Ela foi fornecida também pelos frankfurtianos - particularmente Adorno e Habermas - e pelos novos idealistas contemporâneas - Felix Guattari, Giles Deleuze e, principalmente, Michel Foucault. Com ênfases diferenciadas, eles foram os principais teóricos contemporâneos a alimentar as formulações e estudos sobre os chamados movimentos sociais alternativos: ecológicos, feministas, de homossexuais, de negros, pela paz etc. Ocorreu um tipo de simbiose entre o velho idealismo alemão, com temperos do pós-guerra da Escola de Frankfurt, formando os fundamentos epistemológicos do novo paradigma (GOHN, 1997, p. 132).

"Os indivíduos podem alterar os fundamentos da ordem a cada momento sucessivo no tempo histórico" (Id.). Mostra-se que na ótica das lutas no tempo, o momento histórico pede novas posturas e a forma que cada evento afeta os sujeitos é algo marcante. São eventos que provocam alterações, eventos que forçam a iniciativa de homens e mulheres, exigindo deles atitudes decisórias em suas práticas e articulação para a defesa de sua própria história e identidade.

O deslocamento da análise para as esferas micro da vida social resgatou uma das dimensões vitais da história do homem: a prática cotidiana, uma das dimensões básicas da práxis humanas, o fazer, o acontecer. A autonomia dos indivíduos e grupos sociais será a principal categoria utilizada. Ela não é vista de forma a que os grupos e movimentos se isolem, mas, ao contrário, como a conquista ou a construção de um

<sup>11</sup> "Los movimientos sociales son el fruto de contradicciones que se han globalizado. Según Alain Touraine (1999), para ser verdaderos actores colectivos necesitan cierta inscripción en la historia, una visión de la totalidad del campo dentro del cual se inscriben, una definición clara del adversario y, finalmente, una organización. Son más que una simple revuelta".

processo interativo, formado à base de relações sociais novas, de caráter diferente. Por isso o processo de construção de alianças, de formar redes sociais e culturais, será tão enfatizado no NMS (Ibid., p. 135).

“O movimento social, como um sujeito social coletivo, não pode ser pensado fora de seu contexto histórico e conjuntural. As identidades são móveis, variam segundo a conjuntura” (Ibid., 2008, p. 444). Mudanças diversas aconteceram as últimas décadas que levaram a transformações e a mudanças necessárias na prática e na forma de lidar com cada dimensão da atuação dentro do contexto de mundo, já que os grupos perceberam a necessidade da construção de interações com as mais variadas áreas da sociedade, e com seus mais variados aparatos.

Para GOHN (2008) O leque das abordagens teóricas dos movimentos sociais é amplo e diversificado. Existem teorias diversas.

[...] Teorias construídas a partir de eixos culturais, relativas ao processo de construção de identidades [...] Teorias focadas no eixo da justiça social, que destacam as questões do reconhecimento (das diferenças, das desigualdades, etc.) [...] Teorias que destacam a capacidade de resistência dos movimentos sociais, a partir de elaborações sobre o tema da autonomia, de formas de lutas em busca da construção de um novo mundo, de novas relações sociais não focadas ou orientadas pelo mercado, da luta contra o neoliberalismo[...] Teorias que canalizam todas as atenções para os processos de institucionalização das ações coletivas. Preocupam-se com os vínculos e redes de sociabilidade das pessoas, assim como o desempenho das pessoas em instituições, organizações, espaços segregados, associações, etc [...] (Ibid., p. 442-443).

Estas teorias são elementos que ajudam as ciências sociais a sistematizar categoria e definições no estudo e interpretação destas manifestações. Cada uma destas teorias oferece uma abordagem que tem como fim a localização dos pontos que norteiam os movimentos. Se nos aprofundarmos a que cada teoria abraça veremos que nos remete a pontos que são importantes, que as vezes em certas abordagens são esquecidas, como a identidade, o lugar social que o indivíduo ocupa, uma vez que o que se revela é algo de grande importância.

O olhar que se debruça sobre a “justiça social” também tem grande valor, pois a luta que se constrói no seio do movimento levanta a bandeira dos direitos negados pelas estruturas geradoras de injustiça e exclusão. Outra forma de estudo também importante se debruça sobre a “resistência dos movimentos”, suas organizações para contrapor as correntes de opressão, revelando a coragem de enfrentar as grandes estruturas capitalistas que os mesmos desenvolvem pela sustentação da resistência. É de grande importância pensar que devido as transformações das últimas décadas cada vez mais as lutas dos movimentos sociais tornam-se institucionalizadas para efetivação dos direitos

## **A “analética” de Dussel e a contribuição para os Movimentos Sociais**

A “analética”, conceito desenvolvido por *Enrique Dussel*, filósofo latino americano é, uma realidade que está além do dado, é um “[...] processo real histórico ou humano, ético, se desenvolve segundo um movimento [...]” (DUSSEL, 1986, p.216), e quando a voz do outro se irrompe além do meu mundo, de nosso mundo e além do horizonte dialético, temos um movimento analético (Idem).

Para *Enrique D. Dussel*:

A analética histórica, que se funda no outro como exterioridade livre e sempre de algum modo incondicionado deve ser analisada a partir do caminho aberto por Lévinas. Não se trata de consciência histórica (que em alemão se denomina *historie*), mas do acontecer histórico, do existencial [...] (Idem).

O caminho da analética pensado pelo filósofo latino americano, é percorrido juntamente com a categoria do outro, alteridade. O que se funde a esta ideia e não pode deixar de ser considerado é a relação, a ordem dentro da realidade existencial. Para a observação da realidade social do Brasil a luz da analética de *Dussel*, precisamos olhar primeiramente para o outro. O existente que se manifesta como exterioridade livre dentro dos acontecimentos que marcam os movimentos sociais.

[...] certamente acontecimento não é substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é a ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é feito; ele possui seu lugar e consiste na relação [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 57).

Os acontecimentos são o fruto da relação dentro das muitas formas de associativismo civil expresso no formato de movimentos sociais, redes de mobilização de associações civis e fóruns (GOHN, 2013, p.15). No Brasil, na América Latina os movimentos sociais formam redes, criam demandas, criam identidade, e articulam manifestações culturais e políticas sociais. Pensar o outro dentro destas características e organizações é a maior relevância e contribuição do pensamento de *Enrique D. Dussel* através da categoria analética, pois os movimentos se de fato forem representantes daqueles que estão à margem e dentro deles os mesmos estejam livres e sejam autenticamente outro, temos a pura manifestação do sujeito, que podemos de dizer é um “para além”, um resgate, dando a possibilidade de uma existência mais digna, com isso,

Estamos falando, pois, da vida de cada sujeito última referência ativa, como organismo autorregulado vivente, social e histórico, mas também como crítico autoconsciente, sem reducionismo (quando se pretende definir como essencial o sujeito como cogito), mas tampouco com unilateralismos (quando se nega todo sujeito, o cogito ou o sujeito transcendental Kantiano com todo outro tipo de subjetividade: joga-se fora “a criança com a água de banho”) (DUSSEL, 2000, p.530).

Toda essa realidade é a busca de aparecimento do sujeito no âmbito dos movimentos sociais brasileiros e da América Latina. Percebe-se que o “dominado, vencido” pelo sistema criado pela globalização, exclusão são um indicador do duplo movimento no qual se encontra todas as periferias do Brasil e América Latina. Precisamos levar em consideração o fato que, se olharmos profundamente para ordem dos movimentos sociais, existem movimentos que dentro da sua macroestrutura localizam-se microestruturas, que em si, podemos assim dizer, que existe uma polaridade, ou seja, o movimento não é um único corpo indiviso. Nos mais variados aspectos, isso por conta daqueles movimentos que seus membros gozam de certo favorecimento, exemplo; mulheres brancas que podem ser mais favorecidas que mulheres negras, segundo Spivak (2010), algo inverso dos movimentos que são compostos pelos mais excluídos, vítimas da desigualdade e, por conseguinte da fome.

Por mais incrível que possa ser, as políticas de assistência, classificam erroneamente os pobres entre os mais pobres, como se a pobreza dividida em camadas não tivesse urgências em todas as esferas e estágio, pois quem sofre na carne e na alma é o pobre, o ser, o outro.

Um dado que precisar ser pensado é que os movimentos são, em muitos casos, a expressão de determinadas classes; uma vez que não é novidade que os grupos que formam as elites do Brasil, em muitos casos, não fazem e não tomam parte dentro dos movimentos. Os movimentos se configuram como organizações, que pela força de seus membros, do grupo como um todo, conseguem grandes conquistas em nome do bem comum, ou seja, os movimentos são organizações que reivindicam direitos e dão voz aos excluídos silenciados.

Valha como simples exemplo a exposição de uma interpretação analética da história (que denomino histórica) em que se mostra preponderantemente a exterioridade da voz do pobre, do outro que irrompe a totalidade “civilizada”, no ser desde o não ser de sua própria cultura” (DUSSEL, 1986, p.220).

Na atualidade, os movimentos sociais são essenciais para entender essas tendências e compreender a desigualdade, a discriminação em si, através de suas múltiplas dimensões: econômica, social, cultural, política, espacial, ambiental. A discriminação e a injustiça atuam através dessas dimensões de diferentes formas em diferentes contextos, já que normas e valores sociais, bem como práticas culturais, continuam a afetar os níveis de desigualdade, e também como estes são experimentados pelas pessoas, mesmo quando a discriminação é proibida (ISSC, IDS e UNESCO, 2016, p.8).

A proposta da Filosofia da libertação é pensar a realidade, o pensamento latino-americano, dar voz ao sem voz. O grande objetivo desta filosofia é o desejo da inclusão; não mais uma filosofia com uma qualidade abstrata, particular, escolástica, reino das almas separadas, mas uma filosofia das almas encarnadas, este é campo que se lança o método da analética, que não se trata de analisar termos, mas ir além, o aparecimento, uma afetação pela realidade do outro inteiramente outro.

A realidade social no Brasil e na América Latina é a realidade de “Entes” encarnados, divididos em muitas faces e formas organizacionais que lutam por novas culturas políticas de inclusão, contra a exclusão.

Questões como a diferença e a multiculturalidade têm sido incorporadas para a construção da própria identidade dos movimentos. Lutam pelo conhecimento da diversidade cultural. Há neles, na atualidade, uma resignação dos ideais clássicos de igualdade, fraternidade e liberdade. A igualdade é ressignificada com a tematização da justiça social; a fraternidade se retraduz em solidariedade; e a liberdade associa-se ao princípio da autonomia – da constituição do sujeito, não individual, mas coletivo; autonomia entendida como inserção e inclusão social na sociedade” (GOHN, 2013. p.16).

Podemos dizer, assim, que a formação de identidade dos movimentos e antes disso, este processo de inserção dos sujeitos é, conforme o pensamento de *Enrique D. Dussel*, o aparecimento do outro. Dussel apresenta que o primeiro responsável por este processo da compreensão de quem de fato é outro; é iniciado por *Emmanuel Lévinas*, por meio da interpretação dos textos semitas a luz da filosofia, não mais de maneira somente teológica como foi feito por muito tempo pela tradição teológica cristã, tendo também a influência do pensamento de *Heidegger*. A categoria analética desenvolvida por *Enrique Dussel* é sem dúvidas instrumento de grande contribuição para se pensar o outro (*Alteridade*) dentro dos movimentos sociais no Brasil, pois a realidade do outro é o grande desafio que precisa ser levado em consideração dentro dos movimentos. Os movimentos não são somente uma massa sem rosto e sem nome, pois dentro destes movimentos encontra-se a realidade do outro. A voz que sai destes movimentos

é de sujeito real. Os movimentos sociais no Brasil orientam-se “para objetivos preciosos, concretos e importantes para vida social [...] exaltam a solidariedade, que é o princípio tácito das suas lutas” (BOURDIEU in. GOHN, 2013, p. 23).

A afirmativa analética (para além do horizonte do mundo e da comunidade de comunicação hegemônicas) é fruto da razão, “razão ético-pré-originária”. O principal sujeito é o outro dominado ou excluído (DUSSEL, 2000, p. 425), que por meio da tomada de consciência supera a realidade das totalidades, toma consciência e luta pela participação, luta para que sua voz seja ouvida. Uma vez que o sujeito se descobre como este excluído, encoberto por toda a realidade de poderes opressores e excludentes. Podemos então afirmar que os movimentos sociais são espaços, meios por onde a voz pode se propagar para além, além das fronteiras da totalidade.

Segundo Gohn (2013), existem frentes de organizatórias de demandas e ações. São movimentos de diversos seguimentos:

- 1) Movimentos sociais ao redor da questão urbana; 2) Movimento em torno do meio ambiente urbano e rural; 3) Movimentos identitários e culturais: gênero, etnia, gerações; 4) Movimentos de demanda da área de direito; 5) Movimentos ao redor da questão da fome; 6) Mobilizações de movimentos sociais área do trabalho; 7) Movimento decorrentes de questões religiosas; 8) Mobilização e movimentos rurais; 9) Movimentos sociais no setor de comunicações; 10) Movimentos sociais globais (GOHN, 2013. p.44).

Os movimentos sociais em torno da questão urbana subdividem-se em movimentos sociais nucleados pela questão da moradia; movimentos contra a violência urbana; movimentos sociais em área sociais e prestação de serviços públicos: educação, saúde, e setor de transporte. Esta mesma divisão acontece com os demais movimentos, bem como nos movimentos sobre a questão do meio ambiente, que se desdobram em movimentos ambientalistas; movimentos em torno do tema da água; movimento pela defesa, recuperação de patrimônio histórico-cultural das estruturas urbanas de cunho público; movimentos ambientalistas populares etc.

Nos movimentos indenitários e culturais: gênero, etnia e gerações; temos movimentos de gênero: movimento das mulheres, movimentos dos homossexuais, movimentos de jovens, movimento dos idosos. Dentro dos movimentos étnico-raciais: temos os movimentos dos afro-descendentes e os movimentos indígenas. Incluso nos movimentos da área dos direitos: mostra-se os direitos humanos e o movimento de defesa de direitos culturais. Temos também os movimentos ao redor da questão da fome,<sup>12</sup> tema sempre polêmico, pois os mais fragilizados, esquecidos são afetados diretamente pela fome em consequências de outras questões, sendo que a principal destas questões é a desigualdade.

Nas categorias das mobilizações e movimentos sociais na área do trabalho: apresentam-se os movimentos sindicais; movimentos contra as reformas estatais; movimentos contra o desemprego; movimento das cooperativas de produção alternativas da economia solidária. Existem também os movimentos decorrentes de questões religiosas que são “[...] movimentos originários de diferentes crenças e tradições religiosas [...] relembramos a presença das igrejas junto dos movimentos populares, especialmente católica [...]” (GOHN, 2013, p.139).

Outro grupo dos movimentos que cresceu muito nas últimas décadas foram os movimentos sociais rurais; movimentos como MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MAB - Movimento dos atingidos por barragens, o MMC - Movimento das Mulheres Camponesas, o MPA - Movimento dos pequenos agricultores e etc. (GOHN, 2013, p. 143). Já os movimentos sociais no setor das comunicações são rádios livres ou comunitárias, que

<sup>12</sup> “O polo da pobreza não se constitui de forma autônoma, autorreferente desvinculado das estruturas das hierarquias que produzem e reproduzem as desigualdades” (CATANI, 2013, p. 127).

se configuram como meios de expressão que usam a mídia para manifestar seus interesses, protestos via blogs da internet. Dentro dos movimentos sociais globais estão: movimento anti ou alterglobalização que são um número extenso de organizações; movimentos de populações imigrantes e movimentos pela paz. Lembrando também dos fóruns; social mundial, de educação, de participação popular, movimentos e entidades sociais, a ABONG<sup>13</sup> que é um grande fórum das organizações das ações coletivas.

Esta breve reflexão que realizamos nos dá uma resumida apresentação de como a sociedade hoje está organizada, ou melhor, como os movimentos sociais estão organizados no Brasil. Estes movimentos estão organizados em camadas cada vez mais específicas de luta e reivindicação.

A leitura da filosofia dusseliana tem um valor inestimável para a compreensão do outro dentro da perspectiva dos movimentos sociais, onde o sujeito, que o é somente quando toma consciência de seus direitos e deixa de ser manipulado e classificado por outrem, quando expressa quem de fato ele é, sem a opressão das camadas de poderes hegemônicos totalitários, imperialistas disfarçados de falsas ideias e sonhos patrióticos, econômicos e globais.

Um elemento que nos apresenta a manifestação atuante do modo analético dentro dos movimentos sociais é a realidade de sujeitos que em fim, por meio de uma tomada de consciência, compreenderam que para vencer a exclusão é necessário lutar comunitariamente. Sujeitos que se reconhecem comunitariamente como o outro afetado, dão vida a estes movimentos, fazendo assim, ir além dos limites impostos. A analética é o método crítico para se pensar mais profundamente os sujeitos dentro dos movimentos sociais, pensar o já pensado. Os movimentos quando querem mudar a realidade, propondo algo para além dos modelos estabelecidos, ganham uma dimensão filosófica, este para além deve ser uma busca, que podemos chamar de analética.

## Considerações Finais

Nossa reflexão é um convite para pensar sobre quão grande é a presença dos interesses econômicos nas iniciativas de grandes empreendimentos econômicos e porque muitas deles são emergentes as noções desenvolvimentistas, marcadas sobretudo pela contradição e pelo impacto causado contra os direitos dos povos originários e demais agentes sociais em seus territórios e modos de vida.

O processo de resistência se dá quando estes grupos se encontram dentro de um contexto marcado pelo protagonismo da mobilização política contra interesses econômicos divergentes. Em muitos casos, como aqueles exemplificados aqui, tais interesses revelam inúmeras faces de desigualdade, exploração e violência em contextos onde o Estado se apresente inoperante e defensor de setores econômicos que nada possuem relação com os impactados.

Os novos movimentos sociais nascem num contexto de desafio e reivindicação daqueles direitos outrora suprimidos ou em processo de subalternização. O que os movimentos desejam é ter espaço e garantias dentro de uma realidade visibilizadora de participação no processo democrático, superando a democracia do capital, exclusiva dos detentores da hegemonia econômica.

Enfim, a contribuição para ver o sujeito dentro deste movimento de resistência pode ter grande contribuição da “analética” dusseliana, pois é uma realidade que está além do dado, é um processo real histórico ou humano, ético, que se desenvolve segundo um movimento. É quando a voz do outro se irrompe além do meu mundo, de nosso mundo e além do horizonte dialético. Podemos dizer que a ação desencadeada pelos novos movimentos é, uma manifestação que vai para além do dialético, logo, os movimentos são uma manifestação real do sujeito e de suas necessidades particulares e coletivas que estão além das estruturas capitalistas e interesses econômicos.

## Referências

AGOSTINHO, M. M. **Estudo de impacto ambiental para os gasodutos de transporte e distribuição.** Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n. 584, 11 fev. 2005. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/6255>. Acesso em: 27 de mai. de 2009.

BALBINA, **a hidrelétrica que não deu certo.** Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada. CEPA, 1999. Disponível em: <http://www.cepa.if.usp.br/energia/energia1999/Grupo2B/Hidraulica/balbina.htm>. Acesso em: 02 de mai. de 2019.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação - A ciência, a sociedade e a cultura emergente.** São Paulo: Cultrix, 1982.

CRUZ, Tharcísio Santiago. **As transformações socioambientais e econômicas derivadas do "Projeto do gasoduto Coari-Manaus no baixo Solimões": um estudo da localidade de São Lourenço, Manacapuru – AM.** Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Manaus: 2008.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação:** Na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000. 670 p.

\_\_\_\_\_. **Método para uma filosofia da libertação:** Superação analética da dialética Hegeliana. São Paulo: Loyola, 1986. 291 p.

FEARNSIDE, Philip. **Brazil's Balbina Dam: Environment versus the legacy of the pharaohs in Amazonia.** Environmental Management 13(4): 401-423. doi: 10.1007/BF01867675, 1989.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 17ª ed. São Paulo: Loyola, 1996. 79 p.

GOHN, Maria Da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 189 p.

\_\_\_\_\_. **Teoria Dos Movimentos Sociais Paradigmas Clássicos E Contemporâneos.** São Paulo: Loyola: 1997

\_\_\_\_\_. **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina.** Caderno CRH, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, Set. / Dez. 2008

GUIMARÃES, Jéssyca Irene. **Impacto do rompimento de uma barragem de rejeitos de minério de ferro sobre a qualidade das águas superficiais. Estudo de caso: Bacia do rio Doce.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Engenharia. Minas Gerais, 2018. 172 p.

GHEDIN, Evandro. O que é ética In. **A filosofia e o filosofar.** São Paulo: Uniletras, 2003. p.308.

GONSALVEZ, Suelen. **Sem garantia de segurança: Barragens têm dados desatualizados. A Crítica.** Manaus – AM, 28 de jan. de 2019.

GAWORA, Dieter. **Produção de Petróleo e de Gás Natural no Estado do Amazonas: Projeto Petróleo e Gás Natural de Urucu.** Relatório da Viagem de Pesquisa 01.03. - 30.04.1998. Disponível em <https://documentacao.socioambiental.org/documentos/Q3D00019.pdf>. Acesso em: 10 de ago. de 2020.

HOUTART, F. **Los movimientos sociales y la construcción de un nuevo sujeto histórico.** Ponencia en el V Encuentro Hemisférico contra el ALCA y el Libre Comercio, La Habana, 15 de abril de 2006.



(ISSC) Conselho Internacional de Ciências Sociais, (IDS) Instituto de Estudos de Desenvolvimento e (UNESCO) Organização das Nações Unidas (2016). **Relatório mundial de ciências sociais: O desafio das desigualdades: caminhos para um mundo justo**. Paris: UNESCO, 2016. 16 p.

LEFF, E. **O movimento ambiental pela reapropriação social da natureza: seringueiros, zapatas, afro-descendentes e povos indígenas da América Latina**. In: LEFF, E. Racionalidade ambiental a reapropriação social da natureza, Tradução Luís Carlos Cabral. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

**Relatório da Comissão Especial do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana 2010**. Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/content/relat-rio-da-comiss-especial-do-conselho-defesa-dos-direitos-da-pessoa-humana-2010>. Acesso em: 05 de jun. de 2019.

RIOS, Dermalval Ribeiro. **Dicionário de sinônimos e antônimos**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SILVA, Denison Silvan Menezes da. **Trabalho e relações de trabalho na Mineração Taboca**. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura Na Amazônia -UFAM, Manaus, 2009.

VALENCIO, Norma Felicidade Lopes da Silva. **Desastres: tecnicismo e sofrimento social**. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2014, vol.19, n.9, pp.3631-3644. ISSN 1413-8123. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014199.06792014>.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1974. 288 pp

Recebido em 31 de março de 2020.

Aceito em 13 de julho de 2020.